REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 1, Edição Especial. 2020.
Missões

CULTURA VISUAL COMO ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ARTES VISUAIS

VISUAL CULTURE AS AN APPROACH TO RESEARCH IN VISUAL ARTS

Recebido em 20/04/2020
Aceito em 12/05/2020

Milena Regina Duarte Corrêa[1]

Resumo: Esse texto apresenta a Cultura Visual como possível abordagem metodológica para a pesquisa em Artes Visuais. Tem objetivo de refletir sobre o modo que se configura uma investigação pautada por uma perspectiva de caráter interpretativo e sem linhas pré-definidas, para que se entenda as implicações subjetivas, alteráveis e não-universais em uma pesquisa. Esse campo das ciências humanas frequentemente associado a iconografia, é relativamente novo e incomum, porque sai do comodismo de análise de significados, para pensar nas posições discursivas das imagens e sua relação plural com quem as olha. Por esse motivo, entende-se que a Cultura Visual possa se tornar um método de construção de uma pesquisa que possibilita a construção de estratégias, desvios, recuos, mudanças, preferências e resultados diferentes. Dessa forma, adquire-se uma postura de um pesquisador que se movimenta e experimenta seu trabalho em Artes Visuais, torna-se mais flexível e resistente à obviedade de grande parte das pesquisas e renova-se constantemente durante esse processo.

Palavras-chave: Artes Visuais, Cultura Visual, abordagem de pesquisa.

Abstract: This text presents Visual Culture as a possible methodological approach to research in Visual Arts. It aims to reflect on the way that an investigation based on an interpretative perspective and without pre-defined lines is configured, so that the subjective, alterable and non-universal implications in a research are understood. This field of human sciences, often associated with iconography, is relatively new and unusual, because it leaves the comfort of analyzing meanings, to think about the discursive positions of images and their plural relationship with those who look at them. For this reason, it is understood that Visual Culture can become a method of building research that allows the construction of different strategies, deviations, setbacks, changes, preferences and results. In this way, one acquires a posture of a researcher who moves and experiences his work in Visual Arts, becomes more flexible and resistant to the obviousness of most of the research and constantly renews himself during this process.

Keywords: Visual arts, visual culture, research approach.

INTRODUÇÃO

[1] Doutoranda em Artes Visuais, na linha de pesquisa Arte e Transversalidade, com ênfase em História, Teoria e Crítica, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGART da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS. E-mail: milenadc27@gmail.com

Cultura Visual como abordagem para uma pesquisa em Artes Visuais, deriva de um estudo iniciado durante os anos de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, e desenvolve-se para a pesquisa iniciada no curso de Mestrado em Artes Visuais, na linha de pesquisa em Arte e Cultura, da mesma instituição. A proposta que sustenta esse artigo tem relação com a pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado, e intenciona perceber como a perspectiva da Cultura Visual pode ultrapassar os limites exploratório das imagens, para se tornar também um modo de construção de uma pesquisa, a partir de um método interdisciplinar que auxilia uma investigação no campo das artes visuais.

O objetivo, na primeira parte do texto é apresentar o que caracteriza o campo da Cultura Visual, seu histórico, intenções, autores e sua proposição como campo do conhecimento em educação e artes visuais. Com seus diferentes direcionamentos, apresenta o modo de ver, interpretar e se relacionar com as imagens, entendendo que a importância está no que elas querem dizer e não seus significados ocultos. Se tratando de um campo transdiciplinar, alterável e plural, entende-se que, a Cultura Visual também pode ser adaptada para se tornar um método de construção de uma pesquisa. Aberta para críticas e contestações inusitadas, uma pesquisa em artes visuais pode ser desenvolvida metodologicamente a partir de uma abordagem que prima pela liberdade de produção, sensibilidade e espaço de mobilidade.

O segundo item do texto *Cultura Visual e Artes Visuais*, explana o modo que a abordagem relaciona-se diretamente com as artes visuais, em primeiro lugar através das imagens, e, posteriormente, através de sua relação diferente com a história da arte. O primeiro, numa relação que privilegia a potência e a vida de todos os tipos de imagens, enquanto produtoras de significados e discursos. A Cultura Visual acredita que as imagens não precisam de um método para serem analisadas, elas falam por si mesmas e, por isso, desenvolvem um importante papel na vida e na cultura das pessoas, não pelo seu valor estético ou artístico, mas pelo tipo de experiência que são capazes de produzir.

O segundo, que se refere a relação direta com a história da arte, entende a necessidade contemporânea de revisitar a história da arte universal e tradicional, que pertencia a um contexto histórico inquestionável. Diante disso, a Cultura Visual se mostra como uma das formas de analisar outros discursos, outras histórias de imagens e de culturas a partir de sua multiplicidade, para que se torne mais atual, interessante, democrática e que contemple mais públicos.

Por fim, na última parte do texto, é aprofundada a ideia de repensar, reviver e revisitar as imagens, reconhecendo sua potência e valor cultural, através de outras aproximações com

elas. Em primeiro momento, apresenta-se o *giro icônico* proposto por Keith Moxey (2009), que se trata de fazer pulsar novamente as imagens deixadas na história para que alcancem uma relevância contemporânea a partir de questões atuais. De igual forma, apresenta-se, superficialmente, a *sobrevivência da imagem* desenvolvida por Georges Didi-huberman (2013) pautada pela crença de que as imagens são potentes o suficiente para reaparecerem com outras forças na contemporaneidade, possuem uma vida que se desenvolve constantemente.

Dessa forma, entende-se que, por relacionar questões amplas e propositivas, visualizando-as de um ponto de vista aberto e sensível, a Cultura Visual ultrapassa suas questões principais ligadas a imagem, a história e as artes, para se tornar um campo de exploração metodológica para o desenvolvimento de uma investigação teórica, cercada de estratégias que sugerem mobilidade para o pesquisador durante seu trabalho, tanto para a produção, quanto para sua performance enquanto pesquisador crítico, reflexivo e sucetível as brechas que o caminho pode formar.

POSSIBILIDADES DA CULTURA VISUAL

A chamada Cultura Visual é uma perspectiva relativamente nova, que surgiu nos Estados Unidos no século XX, a partir dos Estudos Culturais e, posteriormente, dos Estudos Visuais, que são derivados das Ciências Humanas, arte, história, filosofia, sociologia e psicologia. Durante seus primeiros anos de aparição, foi comumente associada com as pesquisas artísticas iconográficas e iconológicas sobre o estudo das imagens. No Brasil, ela começou a ser discutida no mesmo século por pesquisadores como Fernando Hernández e Belidson Dias, entre outros, que focalizaram seus estudos para as relações entre a cultura visual e a educação das artes visuais.

> A cultura visual é um dos mais recentes campos de estudos, que circunscreve os estudos da visualidade, abrangendo inclusive os estudos e práticas que tradicionalmente eram denominados como "Belas-Artes", "Artes Visuais" e "Artes Plásticas". Ao abranger todos os tipos de representações visuais, sejam elas consideradas "arte" ou não, a Cultura Visual como campo de estudos se presta para análises muito mais relacionadas à relação entre as pessoas e as imagens do que as imagens entre si. O foco da obra de arte já não é mais o que acontece dentro dela, como acontecia com a arte tradicional, até meados do século XX, mas sim, os diálogos gerados com os espectadores e ainda incentiva uma análise destas relações (DIAS, 2011, p. 168-169).

Por esse motivo, entende-se que a cultura visual é constituída a partir de outra

perspectiva que não considera somente o valor estético – o qual não se perde, mas é investido de outros poderes que se relacionam ao seu contexto social – mas o papel dessa imagem na vida e cultura das pessoas. Dá a oportunidade de reavaliar as coisas por outro ângulo, o que implica transcender o comodismo de análise compositiva de uma imagem, para um gesto crítico e sensível. A ausência desse posicionamento deixa o público vulnerável à manipulação crescente de imagens que têm vida cultural e exercem poder sobre os indivíduos.

Essa abordagem se trata, substancialmente, de pensar nas posições discursivas que produzem as imagens e as relações que são possibilitadas com quem as olha. Pretende fazer construir um posicionamento crítico diante das visualidades, mudar a maneira de se posicionar e deslocar o olhar diante de tudo aquilo que passa visualmente.

É evidente que as imagens constituem uma maneira própria de pensar e emitem um discurso. Entretanto, a Cultura Visual não se interessa em decifrar seus signos ocultos, mas olhar novamente o que já é costumeiro, naturalizado e antes não foi percebido. Um exemplo são as imagens do passado, pela Cultura Visual não se volta à elas para demonstrar erudição, mas entender porque algumas colocações eram importantes no passado e influenciam no presente. Sobre isso, Nascimento escreve:

> Conhecer o passado é importante para compreender as condições que tornaram aceitáveis e possíveis algumas crenças, valores e atitudes veiculadas pelas imagens nas quais passamos a acreditar e agir. É possível dizer que se recorre ao passado para ajudar a diagnosticar como nos movemos no presente ao interagir com as imagens. Não se trata de conhecer o passado para se adotar uma "possibilidade de retorno" ou "uma volta às origens", mas construir uma história dos nossos olhares a partir do que não somos mais, abrindo oportunidade para não sermos mais como passamos a ser (NASCIMENTO, 2011, p. 218).

Conforme o autor, é um exercício de suspeita, que questiona o passado renitente, que atravessa o presente com intenção de construir um outro hoje. Consiste em rever o passado para enxergar novas possibilidades de mudança, noções diferentes sobre as mesmas coisas. Esse enfoque vem do presente, quando se dá lugar para novidade, promove uma irrupção (NASCIMENTO, 2011). Essas rupturas incidem sobre esse tempo atual sempre que é permitido, mas, antes, é preciso diagnosticar as forças que o constituem, para assim realizar interferências que venham a movimentar a atualidade.

A Cultura Visual tem intenção de modificar nosso posicionamento diante das imagens e visualidades, saindo do comodismo de análise, de formação do pensamento. É uma abordagem que acredita que o momento atual da contemporaneidade permite novas articulações

conceituais, multiplicidade de discursos e mistura de interesses. Justamente por acompanhar todas as mudanças de cultura de modo universal, ela também se manifesta de forma inovadora e contestadora no seu campo de atuação: as artes visuais.

Diante da multiplicidade de fatores que a compõe, bem como da grande quantidade de proposições que ela incita, pensa-se, nessa escrita, na oportunidade de promovê-la como um método de construção de pesquisa e articulação de conceitos. A partir disso, nesse item, são apresentadas algumas caracteristicas que constituem a essência dessa abordagem como possível método de efetuar uma pesquisa em artes visuais.

Tendo em vista que a pesquisa em artes possibilita métodos de análise e construção de conhecimento de modo não-universal, interpretativo e relativista, entende-se que a Cultura Visual contempla essa ideia. Segundo Irene Tourinho (2010), ela parte da diversidade, é um campo em constante transformação, com propostas de trabalho que tenham diferentes caminhos e possam ser realizadas a partir de desvios, preferências, recursos e resultados que não são iguais para todos.

Portanto, a maneira de se posicionar diante da pesquisa também é modificada. Trata-se, sobretudo, de uma posição crítica, que escapa do controle e comodidade, para questionar o habitual e o costumeiro. É uma oportunidade para o investigador ativar seu imaginário e ampliar seu campo de visão. A mesma autora fala ainda da importância de estabelecer uma distância de seu trabalho, garantindo que a imersividade não é saudável e nem produtiva. Portanto, exercitar o olhar criticamente para perceber estranhamentos é um modo propolsor de criação.

Para Erinaldo Nascimento (2011), a perspectiva da Cultura Visual diz respeito àquilo que é heterogêneo e, por esse motivo, não se contenta em analisar elementos visuais, ou, pensar a produção do conhecimento como se tivessem verdades para serem descobertas, mas, justamente, questionar as interpretações já consolidadas. Não se trata de desencadear processos de identificação, familiarização ou reconhecimento, mas gerar desconfiança naquilo que se está acostumado a ver, perceber o que está visível e bem próximo. Conforme o autor, pensar *a partir* da Cultura Visual numa pesquisa, é um exercício de suspeita, que quetiona o passado renitente, atravessa o presente, com a intenção de construir outras possibilidades de hoje.

Portanto, essa ampla proposição como campo de pesquisa e, nesse texto, como método e possibilidade de construir uma pesquisa, está na sua possibilidade de intercessão entre áreas conceituais que divergem e se encontram, é, de fato, uma abordagem transdisciplinar.

Falar em transdisciplinaridade é uma maneira de reconhecer como o campo da Cultura

> Visual é alimentado e se efetiva mediante a articulação de diferentes saberes […]. Reconhece-se que uma atitude transdisciplinar favorece a ampliação e a flexibilização dos conhecimentos, gerando novos saberes oportunizados pela pluralidade de ângulos que um determinado problema é capaz de proporcionar (NASCIMENTO, 2010, p. 2010).

Dessa forma, ela se mostra como uma oportunidade de ampliar e produzir conhecimento entre diferentes campos de estudo. Entretanto, por priorizar essa outra forma de articular conhecimento, seus pesquisadores estão em constante tentativa de afirmar que a Cultura Visual, apesar de beber em outras fontes, não se trata de uma mistura de direções e interesses, mas um campo de estudo legitimado, com um espaço conceitual de convergência entre inúmeros saberes que desafiam os limites sistemáticos da arte.

Apesar de alguns críticos sugerirem que essa abordagem se fundamenta em terrenos movediços e sem ordenamento cronológico, seus defensores entendem que as direções que a contemporaneidade sugere, suscitam o imediatismo de reununciar ao impulso de dominar e ajustar a pesquisa em arte a um modelo. A arte contemporânea tem um espaço conceitual, móvel e convergente, congrega discussões sobre aspectos diversificados e, portanto, essa abordagem de pesquisa representa e contempla grande parte das inquietações e movimentações atuais, por isso, cabe a este cenário.

Raimundo Martins (2007), em seus escritos sobre a procura de métodos que melhor possam responder às dúvidas, criar novos procedimentos de pesquisa e compreender a multiplicidade de processos que interagem na produção do conhecimento, fala da Cultura Visual como possível maneira de desenvolver uma investigação qualitativa, pautada por sobreposições e misturas. A partir desse ponto de vista, sugere-se que, uma pesquisa *com* e *a partir* da Cultura Visual, lida com imprevistos e acasos, requer do pesquisador voltas e retornos contínuos sobre seu material de estudo, uma obra sempre em movimento que não cessa e não tem intenção de um único encerramento.

Essa perspectiva possibilita que o investigador redefina seus objetos sempre que necessário e colete dados para dar outros significados para esses fragmentos. Nesse caminho, se faz necessário ter a sensibilidade para perceber pequenos detalhes que possam surgir e como contemplá-los na pesquisa. Por isso, se trata de um processo de criação constante, marcado pela experimentação e uma série de tentativas. Implica também a ação do pesquisador de afastar-se, e retornar sempre que necessário para perceber o que está acontecendo, o que não está, uma vez que necessita de um olhar atento por diversos ângulos.

Aproporiar-se da Cultura Visual como método de trabalho, requer um pesquisador

aberto, flexível, sujeito a repensar suas escolhas e ir performando-se segundo as inclinações de seu trabalho. Ainda para Martins (2007), existe nesse processo uma ação de agenciamento, que se trata da articulação do conteúdo de diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, fazendo assim, um movimento contínuo de reflexão. Operar com esse método é estar de acordo com abandonar julgamentos pré-concebidos e permitir possibilidades amplas para um mesmo fenômeno. Esse espaço de vazamentos contribui no trabalho por proporcionar movimentos de criação, onde o maior ganho para o pesquisador é o de experimentar e aproximar-se, mesmo que brevemente, de diferentes campos do conhecimento e linhas teóricas.

Para seus estudiosos, um pesquisador *da* e *na* Cultura Visual não é ingênuo, nem tem intenção de fazer uma declaração da verdade, mas está atento ao fato que dados vistos de outra perspectiva podem evocar outros resultados e combinações antes não planejadas. Uma abordagem que opera pensando sempre em variações, nega o que é conhecido de forma completa e prima por um processo de movimento constante através da comunicação com conhecimentos transitórios. Um método que transcende o racionalismo absoluto e defende a pluralidade no ato da interpretação, que problematiza concepções esteriotipadas, afim de se tornar uma prática de adaptações.

A postura provisória do pesquisador possibilita que potencialize as brechas e faça delas, formas de resistência à obviedade das pesquisas em arte. Mesmo que a Cultura visual não diga respeito a uma metodologia para as pesquisas, e esteja ainda em processo de construção como campo legitimado do conhecimento, esse item do texto teve intenção de caracterizá-la como uma possível forma de agenciar uma pesquisa.

Sendo assim, entende-se que, quando é definido um objeto de estudo, a postura não neutra do pesquisador acaba por convidar um método para direcionar seu trabalho. A vigilância para as escolhas durante o processo de investigação, é importante para perceber o método que atravessa e faz movimentar o estudo. Na medida em que se assume essa postura, se começa a usar lentes para análise e composição do material, então, são essas conexões que caracterizam o estado de mudança. Ao adotar uma abordagem que permite a operação de um modo singular, tem-se ferramentas conceituais para criar na direção que se quer. Se reúne materialidades que encaixam e mudam, sofrem alterações constantes com o emaranhado de peças que dispõe, além do mais, o fazem sem intenção conclusiva e universal.

CULTURA VISUAL E ARTES VISUAIS

Continuando a identificar aspectos sobre a Cultura Visual, bem como suas implicações em uma pesquisa, essa parte do texto tem interesse em apresentar como essa abordagem é aplicada nas investigações da área das artes visuais. Como dito anteriormente, as pesquisas no Brasil têm se voltado para as relações dela com a educação, mesmo relacionando-se direta e indiretamente com a arte, ainda são recentes e reduzidos os estudos que articulam sua relação com o campo artístico e histórico, por exemplo. Tendo em vista o que foi contemplado na primeira parte do texto, nesse momento, é apresentada a maneira que a Cultura Visual dialoga com as imagens e com a história da arte e como se apresenta nessas relações.

Levando em consideração que a cultura visual se centra no estudo das imagens e visualidades que compõe, encontram e atravessam o sujeito, pensa-se que as imagens são os vestígios mais antigos a que se tem conhecimento, antes da escrita por exemplo, por isso, são manifestações que carecem de atenção e posicionamento crítico. Além disso, também se leva em consideração as mudanças de interesse que a contemporaneidade mostra, primando por uma novidade no que diz respeito as maneiras de falar sobre e com imagens.

Em seus escritos, Keith Moxey (2001) sugere que, na Cultura Visual, exista um conjunto de ferramentas críticas para investigação dos modos de ver, mas além disso, uma maneira de pensar sobre como as imagens são práticas culturais que produzem significados diferentes e propõe inúmeras interpretações. Essas imagens, oriundas das mais diversas vias, tem intenção de requisitar diferentes perspectivas de olhar crítico e proporcionar múltiplas experiências estéticas no sujeito que se encontra com determinada imagem ou visualidade.

Entende-se por visualidade tudo aquilo que encontra o sujeito em determinado momento: imagens mentais, lembranças, pensamento imaginário, enfim. As imagens que a Cultura Visual se interessa vão além das históricas e consagradas no estatuto da arte. São ampliadas para outdoors, animes, quadrinhos, filmes, publicidade, uma série de imagens que, por serem tão cotidianas, não são consideradas como artefatos visuais de valor capaz de fazer pensar e produzir uma análise crítica.

Entretanto, a Cultura Visual entende que não são só as imagens artísticas e importantes da história da arte que carregam uma narrativa, tudo que é visual pode ser importante. Já que, para essa perspectiva, o importante não é desvelar o que a imagem quis dizer ou seus significados ocultos, mas a cumplicidade entre elas, no que se relacionam e podem fazer pensar, como se encontram com o sujeito que as encontra e como dialoga com ele. Segundo Dias

> A cultura visual é um dos mais recentes campos de estudos, que circunscreve os estudos da visualidade, abrangendo inclusive os estudos e práticas que tradicionalmente eram denominados como "Belas-Artes", "Artes Visuais" e "Artes Plásticas". Ao abranger todos os tipos de representações visuais, sejam elas consideradas "arte" ou não, a Cultura Visual como campo de estudos se presta para análises muito mais relacionadas à relação entre as pessoas e as imagens do que as imagens entre si. O foco da obra de arte já não é mais o que acontece dentro dela, como acontecia com a arte tradicional, até meados do século XX, mas sim, os diálogos gerados com os espectadores e ainda incentiva uma análise destas relações (DIAS, 2011, p. 168-169).

Pelos motivos que o autor apresenta, entende-se que a Cultura Visual não considera somente o valor estético ou suas características formais, mas o papel dessa imagem na vida e cultura das pessoas. A maneira com que elas dialogam, produzem significados e posições discursivas. Não se trata de escolher o que é importante, mas de dar atenção àquilo que foi deixado passar despercebido.

Contudo, apesar de priorizar as imagens e visualidades a que se recorre com mais ênfase nos dias de hoje, Moxey (2001) também dialoga sobre a importância de rever e reencontrar as imagens da história da arte com outro olhar a partir da Cultura Visual, justamente para colocar em prática os métodos de reinterpretar o que é naturalizado e fazer um esforço para desenvolver um olhar crítico e diferente para aquilo que já se conhece.

Em seus escritos sobre o que chama de *giro icônico*, faz pensar nesses objetos que produzem imagens sobreviventes, essas, que transmitem certa carga emocional levando a lugares impossíveis de retornar, servem como monumentos coletivos. São obras de arte reencontradas, reinterpretadas, que escapam do seu tempo e tem uma realidade contemporânea. Para o autor, ainda que tenham sido feitas para determinado momento, podem sofrer alterações com o tempo e encontrar-se em qualquer momento histórico.

> O giro icônico nos recorda que os artefatos visuais se negam a ser confinados pelas interpretações que os situam no presente. Objetos de interesse visual persistiram em circular através da história exigindo métodos de análises radicalmente diferentes e obrigando a gerar novas narrativas em seu trânsito (MOXEY, 2009, p. 22).

À vista disso, entende-se que a vida dessas imagens se desenvolve também depois do momento de sua criação, por isso são seres dotados de efeitos sociais capazes de produzir inúmeros significados, basta que quem as encontrar se disponibilize a refazer suas interpretações e renovar seu olhar. Isso signfiica que as imagens artísticas ainda são expressivas, apenas precisam ser agenciadas no tempo presente a partir de uma visão contemporânea.

Igualmente, Moxey considera importante reavaliar os paradigmas tradicionais e universais da História da Arte, essa, que carrega e conduz as imagens. Segundo ele, a história que se tem conhecimento foi escrita em determinado local e cultura, atrelada à época de sua criação, por isso, não poderia ser considerada universal.

O autor se debruça aos estudos iniciados por Hans Belting em *O fim da história da arte* (2006), onde propõe uma outra forma de contar essa história, reconhecendo que os enquadramentos e regras antes utilizados já não servem mais. Uma história que não pode ser contada sempre pelo mesmo viés e priorizando somente determinados discursos. Seu texto diz que o fim chegou para aqueles que não viam sentido na história vigente e não se sentiam contemplados. Não quer dizer que a história tenha acabado, apenas que suas regras e limites foram repensados para priorizar uma pós-história interpretativa, relativista e não-universal.

Diante disso, hoje, pensa-se em várias histórias, com vários métodos que se relacionam entre si, sugeridos pelas direções variadas que a contemporaneidade propõe, que descaracterizam as perspectivas evolutivas e homogêneas da arte. A abordagem da história como um território de probabilidades e abertura para interpretações permite superar os dilemas elitistas para pensar em uma pós-história múltipla e heterogênea. É nisso o que, de fato, centra-se o estudo da Cultura Visual: uma abordagem que não quer renunciar a filosofia da história, mas pensá-la a partir da diferença e multiplicidade cultural, um movimento que abre o estudo da história para que os relatos sejam mais interessantes.

Enquanto alguns estudiosos da teoria, história e crítica contestaram a Cultura Visual como uma ameaça para arte como instituição, por consistir em uma história plural, outros, a reconheceram como um sopro de ar fresco, com modelos mais sincrônicos e que permitem um espaço de mobilidade, proporcionando uma ruptura decisiva nas práticas que antes eram restritivas. Com isso, se pensa em uma história de imagens, de vidas ou de culturas, que segundo Anna Guasch (2005) é um termo mais amplo e que propõe modelos mais sincrônicos que garantem um espaço de mobilidade, se preocupando mais com o significado cultural do que com o valor estético.

Diante disso, é necessário salientar que o valor das categorias aqui pensadas: imagem, história da arte e Cultura Visual, está na justaposição entre elas. A intenção é perceber a maneira como seus estudiosos e críticos dão significado às suas proposições, não juntá-las ou priorizar alguma delas, mas reconhecer suas diferenças para perceber suas potencialidades. Analisar o que cada uma tem em comum ou de divergente, pode contribuir para a produção de conhecimento de forma bem mais plural e heterogênea.

Com isso, a contribuição em pensar a história da arte e as imagens a partir da Cultura Visual, é a oportunidade de reposicionar-se frente ao que se tem e renovar o modo de olhar e perceber que, a contribuição mais forte no campo do conhecimento, hoje em dia, se faz na diferença, na mudança e não na igualdade. Perceber que, enquanto a história priorizou a relação com obras legitimadas, e escolheu somente determinados nomes para contemplar, a Cultura Visual dá atenção a todo tipo de visualidade de qualquer tempo ou fonte, e, assim, sua mistura pode potencializar suas relações com os sujeitos que as encontram.

IMAGENS E HISTÓRIA DA ARTE A PARTIR DA CULTURA VISUAL

Os ensaios de Moxey (2001) são, atualmente, um dos textos que mais contribuem para se pensar a consitituição da Cultura Visual no campo das imagens e das artes visuais. Uma de suas principais questões é entender como constituir um conjunto de ferramentas para a investigação da visualidade nos evoca a tradicional "apreciação da arte", justamente pelos métodos de análise formal. Entretanto, não cabem apenas métodos que decifrem esse complexo mundo da experiência visual. Portanto, a Cultura Visual, desde o seu início, não quis desvendar imagens, mas sim, pensar em como elas são práticas culturais que produzem significados diferentes e propõe distintas interpretações para cada pessoa que se relaciona com ela, produzindo ou não olhares críticos e experiências estéticas.

Expandindo o universo das imagens para todas as representações visuais, Guasch (2005) fala de uma proposta que interconecta o objeto visual e seu contexto, sendo que o importante não é desvelar o significado da imagem ou entender o que ela "quer passar", mas a cumplicidade entre elas, sem levar tanto em conta suas características formais.

Indo ao encontro do *giro icônico* de Moxey (2009), citado anteriormente, entende-se que, os objetos artísticos e estéticos produzem sentimentos coletivos, memoráveis e de valor tanto cultural, como emocional. As obras de arte, por exemplo, são objetos agora considerados encontrados; mais do que interpretadas, elas são reativadas. A proposta do *giro icônico* não tem interesse de forjar um objeto/ artefato visual/ imagem à um significado que ele não possui, mas produzir outros antes impensados. Ainda que tenham sido feitos para determinado momento ou acontecimento histórico, com o tempo, podem se tornar o que nunca se imaginou que seriam.

Esses artefatos não devem ser somente veículos de transporte de ideias, têm de ser reconhecidos como seres dotados de agência, e não somente as imagens de obras de arte, que já tem seu valor estético garantido. Para o mesmo autor, as imagens não artísticas também

podem ser convincentes, eloquentes, expressivas e pertinentes, devem ser consideradas pelo conjunto de efeitos sociais que são capazes de produzir e das relações que são capazes de tecer.

Portanto, já que a Cultura Visual possibilita o diálogo inter e transciplinar com diferentes áreas do conhecimento e oriundas de múltiplas fontes, acrescenta-se aqui, brevemente, algumas considerações que Georges Didi-Huberman (2013) declara, do ponto de vista da História, Teoria e Crítica da arte, sobre o quão pertinente é falar das imagens que persistem no decorrer da história e perduram conforme as inclinações de seu tempo.

No seu texto *A imagem sobrevivente* (2013), Didi-Huberman discute o conceito de *imitação*, que constitui o eixo pelo qual todas as coisas, tempos e imagens se unem. Faz com que a essência da arte sobreviva apesar de qualquer tempo e estabelece uma origem atual e viva. Posteriormente, seu conceito é atualizado para *sobrevivência*, onde ele coloca uma série de questionamentos: Haveria um tempo das imagens? Não haveria um tempo para os fantasmas, uma reaparição das imagens? Uma sobrevivência? Não haveria um tempo para a memória das imagens? Seu eterno retorno? Não haveria um corpo de imagens que escapasse de classificações já instauradas? Não haveria um tempo para os sintomas na história das imagens da arte?

Esses questionamentos servem para que se problematize o quanto as imagens tem força para superar os limites históricos em que foram feitas, para repercutirem em qualquer outro momento. Trata-se de uma reativiação, uma reaparição. Supondo que, as imagens realmente passam por um processo de destruição, mas por algum motivo, tem capacidade para serem agenciadas no tempo presente e se fazer pertinentes e pulsantes ainda hoje. Coloca-se à prova a pertinência e a eloquência das imagens e da história, comprovando que sua existência ultrapassa a stiação em que foi feita e pode afetar outras culturas e tempos.

Sobre o fato das imagens sobreviverem ao longo da história, Rosângela Cherem (2009), em seu texto *Imagem – Acontecimento*, escreve a partir de sua interpretação sobre Didi-Huberman e, afirma que as imagens são evidências de um tempo dotadas de indícios singulares. Elas tem vestígios e sintomas únicos, que só em sua volta para a contemporaneidade, tem oportunidade de partilhar.

É como se a história contada por imagens perdurasse e reaparecesse sempre que agenciada no tempo presente. Se trata de retornos e contornos contínuos que ultrapassam a cronologia lógica do tempo e tem abertura para outras combinações. Se trata de uma revisão daquilo que, além de pertinente, é duradouro e impulsiona interpretações diferentes a partir de uma única referência. O fluxo do tempo linear é interrompido e potencializado para que a

Cultura Visual possa perceber coisas que não haviam sido percebidas e produzir relações que em outros momentos não tinham sido feitas.

Dessa forma, pensando nas problematizações feitas pelos autores já mencionados, entende-se que a Cultura Visual se mostra como uma oportunidade de dialogar diretamente com o campo da arte por interessar-se em reativar imagens e abandonar a noção de que a arte é somente produto de seu tempo e se delimita a um só lugar. É tempo de pensar em imagens atemporais, que se relacionam e conversam entre si, que tem autonomia para retornarem e produzirem significados. Portanto, é preciso perceber a sua potência, suas possibilidades de encontro com passado e agenciamento futuro.

Entende-se que a Cultura Visual é uma possibilidade para fazer essas ligações. Por olhar as imagens de outros ângulos, considerar diversos tipos de imagens e sua articulação com pessoas e tempos, como também, outras formas de aparição e significações. Seu interesse em problematizar imagens artísticas já consagradas que retornam para a contemporaneidade fora de seu tempo, possibilita que novas formas de criação de significados sejam feitas. Esse retorno é como um movimento que não volta ao idêntico, ou é sempre igual, mas como uma curva por onde espreita outras constatações que também são pertinentes.

O deslocamento dessas imagens promove outras inquietações e, segundo Cherem (2009) ao se acrescentar outras iluminações a elas, reativando sua potência e as colocando em movimento novamente, trata-se de refletir não mais sobre o que um dia foram ou o que produziram, mas sobre sua capacidade de continuar afetando e o que ainda podem dizer. Pelo viés da Cultura Visual, percebe-se que esse possível agenciamento promove rupturas nas práticas elitistas e universais da história da arte – feita sempre pelos mesmos enfoques- e passa a operar segundo as variações da contemporaneidade e o encontro com novas imagens.

Considera-se, a partir disso, a pertinência de repensar as imagens históricas em justaposição com as imagens cotidianas que a Cultura Visual atribui significado, objetivando promover um encontro de formas que sobrevivem com antecipações e atrasos, com atualidades e inatualidades, um encontro de presença e aparições caracterizados por uma série de significados e posições discursivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das explanações feitas, considera-se que, segundo a perspectiva de pesquisa dos autores aqui contemplados, a Cultura Visual, além de estar ganhando um terreno legitimado na área das artes, pode ser uma estratégia e abordagem para o desenvolvimento de uma pesquisa

pautada por questões transdisciplinares. Uma pesquisa que anda por diversas linhas e que proporciona uma abertura para o pesquisador mover-se, afastar-se e caminhar em variados ritmos, que comunga com as direções e propostas da contemporaneidade, seja na arte, quanto na própria pesquisa.

Da mesma forma, se mostrou importante destacar as maneiras com que a Cultura Visual se relaciona e pensa o campo das artes. Por ser estruturado formalmente, tanto a teoria e as pesquisas sobre as imagens, quanto a própria história da arte, pareceram por muito tempo campos *intocáveis*, *cultos* e de acesso e conhecimento só para determinadas classes. A Cultura Visual abre espaço para que as imagens se disseminem, sejam ampliadas para vários repertórios e de fácil acesso para todos os públicos.

Aproximando então o contato com diferentes imagens é que tem-se a oportunidade de se relacionar com elas e produzir sentidos/significados e conhecimento. Igualmente com a história da arte. Quando libera-se de seus cânones feitos sempre pelo mesmo viés, é que se torna possível encontrar outras narrativas históricas. Perceber que a história da arte pode ser problematizada, questionada e reinterpretada é um grande ganho da contemporaneidade, e aqui, uma opção para que a Cultura Visual "entre em ação" e possa olhar de diferentes formas outros artistas, movimentos e fases. Visualizar essas imagens da cultura e da história sob outras perspectivas elucida um processo de deslocalização do olhar e reposicionamento do sujeito (HERNÁNDEZ, 2011) que se coloca criticamente não somente como visualizador, mas posteriormente, também como produtor de imagens e de pesquisa.

Esse outro modo de pensar uma pesquisa, diferente de todos os cânones e estruturas já impostas, não desconsidera outras maneiras, mas adapta-se às necessidades do tema, como também do autor do trabalho. Torna possível fazer escolhas diferentes durante todo o percurso e, consequentemente, mudar suas ideias quando preciso e operar com outros campos de estudos que dialoguem entre sí, produzindo um trabalho híbrido, transdisciplinar, alterável e desafiador no campo das artes visuais.

REFERÊNCIAS

BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois.** São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

CHEREM, Rosângela Miranda. **Imagem – acontecimento. In: Linhas cruzadas:** artes visuais em debate / organização: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Sandra Makowiecky – Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2009.

DIAS, Belidson. **O I/Mundo da Educação em Cultura Visual.** Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

GUASCH, Anna Maria. Doce reglas para uma nueva academia: La <<nueva historia del arte>> y los estúdios audiovisuales. In: **Estudios Visuales: La epistemologia de la visualidade en la era de la globalización.** Madrid: Akal, 2005, p. 59- 74.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos.** Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 31-49.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. OLIVEIRA, Marilda O; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **Arte, educação e cultura.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

MOXEY, Keith. Los estúdios visuales y el giro icónico. In: **Estudios Visuales 6**. Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo. Murcia, Enero 2009, p. 66-79.

MOXEY, Keith. **Nostalgia for the real:** The troubled relation of the art history to visual studies. In: The Practice of Persuasion: Paradoz and Power in Art History. Ithaca, N.Y.: Coronell University Press, 2001.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da cultura visual:** conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 209- 226.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Visualidade e infância até os seis anos: versões em imagens e os desafios da educação infantil. In MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Cultura visual e infância:** quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Editora UFSM, 2010

TOURINHO, Irene. Retomando um tema delicado: avaliação e ensino de arte. In: MARTINS, Maria Virgínia Gordilho; HERNÁNDEZ, Maria Hermínia Oliveira (Org.). **Entre territórios: anais do 19º Encontro Nacional da ANPAP.** Salvador: EDUFBA, 2010. p. 2094-2106.